

A LENDA DA ROSA-DE-CRISTO

Certo dia, a mulher do salteador de estradas, que vivia numa gruta no alto da montanha de Goinger, no meio de uma densa floresta, desceu às terras baixas, acompanhada dos cinco filhos, para pedir esmola pelas aldeias. Sempre que batia às portas das casas, ninguém ousava negar-lhe esmola, pois todos sabiam que, como vingança, o marido viria de noite pegar fogo aos campos e aos pomares.

Durante uma dessas visitas pelas aldeias, a mulher do salteador e os filhos foram ao convento de Ovede habitado por uns santos frades. A mulher viu uma porta meio aberta no muro alto que ladeava o edifício. Dirigiu-se para lá, seguida dos filhos, e entrou sem pedir licença. Como era verão, deparou com um lindo jardim, cheio de flores de toda a espécie. Ficou tão embevecida que começou a caminhar pelas alamedas para admirar de perto aquela maravilha.

Ao fundo do jardim estava um irmão leigo, que trabalhava no convento como jardineiro. Quando viu a mulher e os cinco filhos, preparou-se para correr com eles.

— Toca-me, se te atreves! — ameaçou ela.

Ao que ele respondeu:

— Isto é um convento de frades. Deves saber que não é permitida a entrada a mulheres.

A interdição, contudo, não deteve a mulher do salteador, que continuou a passear por entre os canteiros de rosas, hissopos e madressilvas. Foi então que o irmão leigo a quis expulsar à força. A mulher do salteador desatou aos gritos e começou, ajudada pelos filhos, a arranhar o homem. Ao correr para o convento em busca de reforços, o irmão leigo esbarrou com o velho abade João, que acudira a ver o que se passava no seu jardim. Tendo

conhecimento do que se passava, o abade censurou o irmão leigo por ter usado de violência e proibiu-o de ir buscar reforços. Apesar de velho e fraco, decidiu ir ter com a mulher do salteador, que continuava a admirar o jardim. O abade João amava mais o seu jardim do que todas as coisas terrenas, e pensou que ela queria admirar as flores por nunca ter visto outras tão bonitas.

Perguntou-lhe, com suavidade:

— Gostas do meu jardim?

A mulher respondeu-lhe com maus modos:

- No início, pareceu-me um lindo jardim, mas agora vejo que não se compara com um outro que conheço. Se vocês o vissem, arrancavam todas estas flores e atiravam-nas fora, como se fossem ervas ruins.
- Deve ser bonito o teu jardim, lá no alto da floresta selvagem, onde nunca entra o
 Sol disse o irmão jardineiro, a rir.
- Juro que falo verdade. Vocês, que são homens santos, deviam saber que, na noite de Natal, a floresta de Goinger se transforma num jardim que parece o Paraíso, para festejar o nascimento do Salvador. Aparecem flores tão lindas que nem nos atrevemos a tocar-lhes.

O irmão leigo riu ainda com mais vontade:

— Não percebo por que razão Nosso Senhor Jesus Cristo havia de festejar o seu nascimento num sítio onde vivem só ladrões, como tu e o teu marido!

A mulher lamentou:

— É pena não teres coragem para ir lá acima, na noite de Natal. Verias que falo verdade.

O irmão leigo ia replicar, mas o abade fez-lhe sinal para que se calasse. Desde pequeno que ouvira dizer que a floresta se cobria de maravilhas na noite de Natal e sempre desejara ver esse prodígio. Pediu então à mulher para o deixar ir visitar a gruta dos salteadores na noite de Natal. Se ela lhe mandasse um dos filhos como guia, jurou que iria só. Prometeu que nunca os denunciaria e que até se esforçaria por recompensá-los.

A princípio, a mulher recusou, pensando que se tratava de uma armadilha. Contudo, na ânsia de provar que o seu jardim era muito mais bonito do que o do convento, disse:

— Podes ir, se fores acompanhado por uma só pessoa. Ficaria muito desiludida se nos armasses uma cilada, pois considero-te um santo homem.

Dito isto, a mulher foi embora, seguida pelos filhos, e o abade João ordenou ao irmão leigo que não contasse a ninguém aquela conversa. Dias depois, o arcebispo Absalão de Lund passou uma noite no convento e o abade falou-lhe do salteador que vivia escondido no alto da floresta. O abade pediu ao arcebispo uma carta de alforria, para que o malfeitor pudesse voltar a viver honradamente entre os homens.

O arcebispo Absalão respondeu que era perigoso deixar um ladrão viver entre pessoas honestas e que era melhor deixá-lo onde estava. Então, o abade contou-lhe o que sucedia todos os anos na floresta, na noite de Natal. E terminou:

— Se a graça de Deus se manifesta assim a esses desgraçados, é porque não os acha assim tão maus. Quem somos nós para lhes negar a clemência humana?

O arcebispo deu-lhe a seguinte resposta:

— Prometo-lhe que, no dia em que me trouxeres uma flor desse tal jardim de Natal na floresta de Goinger, te dou uma carta de alforria para o salteador que vive afastado de Deus.

O abade João assegurou que lhe traria a flor.

E assim, na véspera de Natal, pôs-se a caminho da floresta de Goinger, levando como única companhia o irmão leigo que tratava do jardim. Um dos filhos do salteador indicava-lhes o caminho. À medida que andavam, viam as aldeias atarefadas nos preparativos para a festa. O abade ia impaciente... mas o irmão leigo suspirava e pedia ao abade que voltasse para trás, porque estava convencido de que tudo aquilo não passava de uma cilada. Contudo, o abade não lhe dava ouvidos e continuava a cavalgar.

Começaram a escalar a encosta e entraram na floresta selvagem e solitária. O caminho era cada vez mais difícil, coberto que estava de pedras e de agulhas de pinheiro. Quanto mais subiam, mais o frio apertava: o chão da floresta estava coberto por uma espessa camada de neve. Atravessaram estreitas gargantas e bosques de vegetação espessa.

Quando chegou o pôr-do-sol, o garoto parou numa clareira rodeada de árvores frondosas. Ao fundo da clareira erguia-se uma rocha escarpada na qual havia uma pequena porta feita de tábuas toscas. O rapazinho correu a abrir a porta e depararam com uma gruta profunda e desconfortável. A mulher do salteador estava acocorada junto de uma fogueira. Catres feitos de ramos de pinheiro e musgo alinhavam-se de encontro às paredes nuas. Num deles, estava o salteador a dormir.

— Entrem — disse a mulher, sem se levantar.

O abade João entrou na caverna e o irmão leigo seguiu-o, preocupado.

Os filhos do salteador estavam sentados em volta de um grande caldeirão onde se via uma sopa aguada.

— Chega-te para junto da fogueira, abade João — disse a mulher. — Se trouxeram farnel é melhor comerem-no, porque a nossa comida não deve agradar-vos. Se estiverem cansados, estendam-se ali sobre aqueles ramos de pinheiro.

O abade João e o irmão leigo deitaram-se. De tão cansados que estavam, depressa adormeceram profundamente. Quando o irmão leigo acordou, viu o abade sentado junto do lume, a comer o seu farnel e a conversar com a mulher do salteador. Falava dos preparativos de Natal que vira durante a viagem.

— É uma pena os teus filhos não poderem brincar nas ruas da aldeia como as outras crianças e não receberem prendas de Natal — lamentou o abade.

O salteador brandiu o punho e vociferou:

— Maldito frade! Vieste cá para me roubares os filhos com falinhas mansas? Não sabes que sou um condenado e que não posso sair da floresta?

O abade fitou-o calmamente e respondeu:

— Já pedi ao arcebispo Absalão uma carta de alforria com o teu perdão.

O bandido retorquiu:

— Ninguém perdoará a um salteador de estradas! Mas, se o arcebispo me conceder uma carta de alforria, prometo nunca mais roubar!

De repente, a mulher do salteador levantou-se e disse:

— A conversa até nos faz esquecer a floresta. Já ouço os sinos de Natal a tocarem ao longe.

Todos se puseram de pé e saíram da gruta a correr. A floresta continuava mergulhada na escuridão e no silêncio, e o frio era muito intenso. Depois de os sinos terem tocado durante algum tempo, um raio de luar desceu inesperadamente do céu, por entre os ramos das árvores altas. Em seguida, ficou tudo mergulhado no escuro. Depois, a luz voltou de novo, como se tentasse romper as trevas. Avançava como uma espécie de nevoeiro luminoso e, pouco a pouco, a noite deu lugar a um pálido amanhecer.

Então, o abade viu a neve retirar-se de repente, como se fosse um tapete puxado por alguém, e começarem a surgir plantas da terra. Os fetos ergueram os seus ramos encaracolados como báculos; a urze apareceu por entre as rochas, e a giesta surgiu pavoneando as suas flores amarelas. Por toda a parte, brotavam plantas luzindo ao luar, como se fossem feitas de cobre e prata.

O abade João sentiu o coração a bater mais depressa, enquanto assistia ao despertar

da floresta. De repente, a luz começou a diminuir e o abade receou que tudo voltasse às trevas. Mas logo surgiu uma nova onda de luz e começou a ouvir-se o murmurar dos riachos e o chalrar das cascatas.

As árvores ficaram revestidas de folhas, como se um bando de borboletas tivesse vindo pousar sobre os seus ramos nus. Mas não eram só as flores e as árvores que tinham acordado. Os cruza-bicos começaram a saltitar de ramo em ramo e os pica-paus martelavam nos troncos duros. Um



bando de estorninhos parou, por instantes, no alto de um abeto, mas logo seguiu viagem.

Quando nova vaga de luz inundou a floresta, começaram a florir as groselhas e os murtinhos. Bandos de gansos bravos e de grous atravessavam o céu, tentilhões construíam os ninhos, e esquilos jogavam às escondidas por entre as ramagens. Tudo acontecia tão depressa que o abade João não tinha tempo de refletir no milagre que presenciava.

Uma nova vaga de luz trouxe o cheiro de campos lavrados de fresco. Ouviu-se ao longe o tilintar dos chocalhos das vacas e dos carneiros, os pinheiros e os abetos cobriram-se de pinhas vermelhas, que pareciam forradas de seda, e o zimbro encheu-se de bagas que mudavam de cor a cada instante. Flores silvestres atapetavam o chão como uma alcatifa de mil cores e o abade João curvou-se para colher uma flor de morangueiro. Quando se endireitou, a flor transformou-se em fruto na sua mão.

A raposa saiu da toca seguida da sua ninhada de raposinhos. O mocho, que havia pouco tinha começado a caçada nocturna, regressou ao seu esconderijo, surpreendido por tanta luz. Novas marés de luz e de ar quente foram surgindo. Agora, ouviam-se os patos grasnar para os lados dos pântanos e o pólen das flores pairava no ar, como uma poalha dourada. De toda a parte surgiam borboletas, quais lírios a voar. O mel escorria pelo tronco abaixo de um velho carvalho, que encerrava uma colmeia de abelhas. Pelas escarpas, as roseiras trepavam ao desafio com as amoras silvestres e, lá no alto, apareciam flores enormes, como se fossem caras a espreitar.

Foi então que o abade João se lembrou da flor que prometera ao arcebispo. Porém, cada flor que surgia era mais bela do que a anterior, e ele queria colher a mais bela de todas.

As vagas de luz e de calor seguiam-se umas às outras e a atmosfera estava tão densa que parecia feita de ouro coalhado. "Não sei o que a próxima onda de luz possa trazer de mais belo e deslumbrante", pensou o abade João. A luz continuava a aumentar e ele apercebeu-se de que qualquer coisa ainda distante se ia aproximando. Sentiu-se rodeado por uma atmosfera sobrenatural e, a tremer, esperou.

Sobre a terra desceu um profundo silêncio, os pássaros emudeceram, os raposinhos e os esquilos pararam de brincar, e até as flores deixaram de crescer nos cálices. Era tal a sensação de bem-aventurança que o abade João julgou que o coração lhe parava. A sua alma sentia ânsias de entrar na eternidade. Ouviram-se, então, ao longe, uns sons de harpa, acompanhados de coros celestiais. O abade uniu as mãos e ajoelhou-se, com a face banhada por um resplendor de glória. Nunca esperara sentir neste mundo a bem-aventurança do Além.

Outro tanto não sentia o irmão leigo, que estava furioso por, no seu jardim do convento, não conseguir nunca ter flores tão lindas, por mais cuidados que tivesse. Não percebia como é que Deus desperdiçava tantas maravilhas para as oferecer àquela família de ladrões que nem sequer respeitavam os seus mandamentos. "Isto não pode ser obra de Deus", pensou, "pois apresenta-se a pessoas ruins. Isto é obra do diabo, que nos faz ver o que não existe. Não sairemos salvos deste bruxedo e cairemos no abismo!"

As hostes dos anjos tinham-se aproximado tanto que o abade sentia o esvoaçar das suas asas e via-lhes as sombras luminosas. O irmão leigo também os via, mas continuava convencido de que tudo aquilo era obra do demónio, para o perder, mais ao abade, em plena noite de Natal. Então, gritou tão alto que a sua voz ecoou no fundo da floresta:

— Arreda, demónio! Volta para o inferno que te enviou!

Os anjos interromperam imediatamente os seus cânticos e fugiram espavoridos. A luz intensíssima desapareceu de repente, a pesada atmosfera de ouro diluiu-se, e a escuridão voltou a descer sobre a floresta. Sentiu-se um frio glacial: as flores começaram a murchar e os animais correram a refugiar-se nas tocas. O murmúrio das cascatas suspendeu-se e as folhas tombaram das árvores como uma chuva de cobre. O coração do abade apertou-se de dor ao pensar: "Os anjos do céu visitaram-me a cantar e este terrível brado afugentou-os".

Nesse momento, lembrou-se da flor que prometera ao arcebispo. Meteu a mão por entre os musgos para apanhar ainda a última, mas sentiu os dedos gelados, porque a neve voltara a cobrir tudo. Tentou erguer-se, mas não conseguiu, e ficou estendido no chão, hirto. Sobre ele caía a neve, soterrando-o. E o irmão leigo chorou, acusando-se de ter sido o causador da morte do abade.

Depois de terem transportado o abade para o convento de Ovede, os frades repararam que ele segurava qualquer coisa na mão fechada. Quando conseguiram abrirlha, viram que ele apertava com força os bolbos que arrancara dos musgos antes de morrer.

O irmão leigo foi enterrar os bolbos num canteiro do jardim, cuidou muito bem deles e esperou durante o ano inteiro que dessem flor. Passou a primavera, o verão e o outono, e no inverno, quando todas as outras flores estavam mortas, já tinha perdido a esperança de os ver florir. Mas, quando chegou o Natal, o irmão leigo viu, com espanto, que os bolbos vindos da floresta estavam cheios de flores brancas e delicadas.

Reunidos os frades em capítulo, todos concordaram que aquelas flores deviam ser mandadas ao arcebispo Absalão para comemorar o milagre.

Quando o irmão leigo foi à presença do arcebispo, estendeu-lhe as flores e disse:

— Estas são as flores que te envia o nosso abade João. São as que ele prometeu colher na noite de Natal, na floresta de Goinger.

O arcebispo, ao contemplar as flores que em pleno inverno tinham conseguido brotar da terra gelada, e ao ouvir o que o leigo lhe contou, ficou uns segundos em silêncio. Depois, disse pausadamente:

— O abade João cumpriu a palavra dada e eu vou cumprir a minha.

E mandou redigir a carta de alforria que libertava o salteador.

O irmão leigo partiu para a floresta e procurou a gruta dos salteadores. Quando a encontrou, era outra vez noite de Natal. O ladrão veio ao seu encontro e gritou:

- Malditos sejam todos os frades! Por vossa culpa, este ano a floresta não se tornou um Paraíso, como era costume na noite de Natal!
 - Trago uma mensagem do abade João! disse o irmão leigo.

Tirou do bolso a carta de alforria e, mostrando o selo lacrado do arcebispo Absalão, disse ao salteador que ele podia ir viver no meio dos outros homens.

— De hoje em diante, podes passar o Natal e festejar o nascimento do Menino Jesus na companhia de homens de bem, como era desejo do nosso abade João.

A mulher do salteador disse:

— O abade João cumpriu a promessa. O salteador da floresta cumprirá a sua.

Quando o salteador, a mulher e os filhos abandonaram para sempre a gruta, o irmão leigo ficou a viver nela para o resto da vida, entregue às suas orações e pedindo a Deus que lhe perdoasse a sua pouca fé e dureza de coração. Arrependera-se de ter pronunciado aquelas palavras malditas naquela noite de prodígios, a última em que a floresta de Goinger festejara o nascimento do Salvador. De todas as maravilhas, só restara a flor que o abade colhera no último segundo de vida.

Puseram-lhe o nome de rosa-de-cristo. E, todos os anos, a planta brota da terra gelada e cobre-se de flores brancas, como se quisesse lembrar o tempo em que, na noite de Natal, floria na floresta de Goinger.